

# ELISEU, AS URSAS E OS RAPAZINHOS: como explicar 2Rs 2.23-24 à luz de interpretações cristãs?

## *ELISHA, THE BEARS AND THE LITTLE BOYS: how to explain 2 Kings 2:23-24 in light of Christian interpretations?*

*Flaviano Nogueira Siedeliske<sup>1</sup>*

### RESUMO

Este artigo apresenta um estudo sobre a narrativa da morte de um grupo de rapazes em decorrência de uma maldição do profeta Eliseu, localizada em 2Rs 2.23-25. O objetivo é demonstrar algumas teorias e hipóteses para uma interpretação cristã, desde a mais literal até uma mais simbólica, numa tentativa de sanar algumas dúvidas do leitor da passagem. Baseado em autores como Donald Wiseman, John Bimson e Warren W. Wiersbe, essa pesquisa chega ao entendimento de que Deus concedeu ali uma reafirmação do ministério profético de Eliseu, demonstrando que, apesar do ciclo de Elias ter se encerrado e um novo ter começado, o Deus de Israel continuava o mesmo, sendo representado, agora, por seu profeta Eliseu.

**Palavras Chave:** Eliseu. Ursas. Maldição.

### ABSTRACT

This article presents a study on the narrative of the death of a group of young people by a curse of the prophet Elisha, in 2 Kings 2.23-25. The objective is to demonstrate some theories and hypothesis for a Christian interpretation, since the most literal until a most symbolic, in an attempt to clarify some doubts of the reader of the text. Based in authors such as Donald Wiseman, John Bimson and Warren W. Wiersbe, this research comes to the understanding that there God granted a reaffirmation of Elisha's prophetic ministry, demonstrating that,

---

<sup>1</sup> Pós-Graduado em Teologia e Interpretação Bíblica pela Faculdade Batista do Paraná (FABAPAR); Licenciado em Letras pelas Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba (FARESC); Graduando em Teologia pela Faculdade Batista do Paraná (FABAPAR); E-mail: Flavianosiedeliske@gmail.com



despite the Elijah's cycle having ended and a new one have begun, the God of Israel remained the same, being now represented by his prophet Elisha.

**Keywords:** Elijah. Bears. Curse.

## INTRODUÇÃO

Uma das passagens mais controversas do Antigo Testamento é 2Rs 2.23-25, na qual Eliseu amaldiçoa alguns rapazinhos que zombavam de sua calvície, então, duas ursas saem da floresta e os despedaçam. O acontecimento é tão repentino e atípico que causa estranheza e desconforto no momento em que o leitor se depara com ele. Como explicar a atitude moral de Eliseu, principalmente tendo em vista textos como Lc 6.28? Deus permitiu que crianças fossem mortas somente por causa de um insulto, talvez uma brincadeira?

Tal passagem é tão estranha que é referenciada por Leandro Karnal (2017, p. 80), historiador ateu, que, em sua obra sobre o problema do ódio, jocosamente comenta que “talvez o único antídoto para a vaidade seja a própria vaidade: saber onde sou bom ou ruim é uma maneira de eu não precisar invocar ursas famintas sobre pessoas que me dizem a verdade”. A justificativa para a escolha desse tema é justamente o incomodo e a surpresa que o texto causa no leitor, pois a figura de Eliseu pode ficar “manchada” como alguém maldoso, vaidoso ou extremista.

Dessa maneira, o objetivo dessa pesquisa é realizar um breve estudo sobre a passagem em questão e elencar algumas hipóteses para a sua interpretação de um ponto de vista cristão. Assim, será demonstrado como o texto pode evidenciar um ataque ao ministério profético de Eliseu, uma comparação do mesmo com Elías ou uma ação simbólica do profeta a respeito da relação entre os profetas e os reis em Israel.

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O LIVRO E A PASSAGEM

Os livros de 1 e 2Reis eram lidos, originalmente, em conjunto



com 1 e 2 Samuel, sendo que as quatro obras formavam os quatro livros de *Basileia*, ou seja, dos *Reinos* (BIMSON, 2009, p. 509). Os dois livros de Reis constituem, junto a Josué, Juízes e Samuel, seção dos Profetas Anteriores na Bíblia Hebraica (p. 509).

Escrito em algum momento entre 561 a 538 a.C. (BIMSON, 2009, p. 509), os livros de Reis refletem, de maneira especial, a perspectiva deuteronômica desenvolvida desde Josué, tanto pela temática quanto pela estrutura (FEE; STUART, 2019, p. 90).

Os livros cobrem os eventos bíblicos entre a morte de Davi (970 a.C.) e o exílio de Judá (586 a.C.) (FEE; STUART, 2019, p. 89), totalizando quase quatrocentos anos da história de Israel. Todavia, como bem explica Donald Wiseman (2006, p. 17), não é a proposta das obras exporem exaustivamente as ocorrências do período, mas suas narrativas são ordenadas a fim de ilustrar, mesmo quando não de maneira óbvia, o controle de Deus na história:

O livro serve como uma advertência atemporal quanto ao inevitável juízo trazido sobre aqueles que se desviam na adoração e na prática, mas também como encorajamento para seguir a Deus e receber as bênçãos prometidas para aqueles que são obedientes à sua lei, mesmo em momentos de exílio (p. 18).

Dentre os temas presentes na obra, Wiseman (2006, p. 20-25) elenca pelo menos cinco: 1) a ação de Deus no curso da história; 2) a ação de Deus em Seu julgamento divino; 3) a ação de Deus como libertador do povo; 4) as promessas de Deus a Davi; e 5) a atividade profética do período. O último tema citado pelo autor, a *atividade profética do período*, será destacado e aprofundado nessa pesquisa.

A temática da ação profética no Reino de Israel ganha destaque nos livros de Reis, isto pode ser constatado observando a ação de vários profetas ao longo dos dois livros: Aías (1Rs 1.29-39;



14.1-18); Semaías (1Rs 12.21-24); Jeú (1Rs 16.1-16); Micaías (1Rs 22); alguns profetas anônimos que aparecem na história (1Rs 13.1-32; 1Rs 20.35-43; 2Rs 21.10-15); e, claro, Elias (1Rs 17 – 19; 21; 2Rs 1) e Eliseu (2Rs 2.1 – 10.36).

Os ministérios de Elias e Eliseu no Reino do Norte cobrem o período quase um século de história bíblica, entre os reinados de Acabe (1Rs 16.29-34) e Jeoás (2Rs 13.10-13) (FEE; STUART, 2019, p. 90; WISEMAN, 2006, p. 24). Após encerrar-se o “ciclo de Elias”, inicia-se o ministério de Eliseu, cujo nome significa “meu Deus salva” (MOTYER, 2005, p. 173) e que será o foco desse estudo.

Eliseu é chamado, no final do livro de 1Reis, para se tornar discípulo do profeta Elias (1Rs 19.19-21). Passado algum tempo caminhando e aprendendo com seu mestre, e após este último ser elevado aos céus, Eliseu deixa de ser apenas um discípulo e torna-se o sucessor do ministério profético (2Rs 2.1-18). O interessante é que o episódio que será debatido nessa pesquisa ocorre logo no início de seu ministério, após tornar saudáveis as águas de Jericó (2Rs 2.19-22):

Então, subiu dali a Betel; e, indo ele pelo caminho, uns rapazinhos saíram da cidade, e zombavam dele, e diziam-lhe: Sobe, calvo! Sobe, calvo! Virando-se ele para trás, viu-os e os amaldiçoou em nome do Senhor; então, duas ursas saíram do bosque e despedaçaram quarenta e dois deles. Dali, foi ele para o monte Carmelo, de onde voltou para Samaria (2Rs 2.23-25, ARA).<sup>2</sup>

Nessa passagem que aparece repentinamente e pode causar estranheza e, até certo ponto, incômodo ao leitor, alguns elementos se destacam: 1) a cidade de Betel, os rapazinhos e a careca de Eliseu no verso 23; e 2) a maldição do profeta e o

---

<sup>2</sup> Todas as citações seguirão a versão ARA – Almeida Revista e Atualizada, salvo quando indicado o contrário.



número quarenta e dois no verso 24. Esses elementos serão alvo de análise, numa tentativa de esclarecer o texto, apresentar algumas possibilidades e hipóteses para a sua interpretação, partindo do ponto de vista cristão.

## 2. BETEL, OS RAPAZINHOS E A CARECA DE ELISEU

Num primeiro momento, observa-se que Eliseu dirigia-se para a cidade de *Betel* (v. 23), que, naquela época, era um centro pagão de adoração tanto a Baal quanto a animais (WISEMAN, 2006, p. 174). Logo, essa passagem pode simbolizar a contínua oposição sofrida pelos profetas de Deus na sociedade pagã de Israel.

Em seguida, chama atenção o fato das “vítimas” da maldição do profeta serem *rapazinhos* (v. 23). Todavia, os estudiosos divergem quanto ao significado dessa expressão. Para John Bimson (2009, p. 555-556), a expressão empregada nessa passagem pode ser traduzida tanto por “meninos” como por “jovens”, sendo que o autor defende a primeira tradução. Já para Warren Wiersbe (2006, p. 499), a palavra refere-se a pessoas de 12 a 30 anos; os professores Walton, Mattheus e Chavalas (2018, p. 502) também acreditam serem os citados ali um grupo de adolescentes. Por fim, Wiseman (2006, p. 174) defende, com base em 2Sm 14.21 e 18.5, que o termo designa jovens já em idade de casamento.<sup>3</sup> Assim, apesar da visão comum, de que era um grupo de crianças, os que zombavam do profeta provavelmente eram, na realidade, um grupo organizado, talvez uma gangue, de adolescentes ou jovens entrando para a vida adulta, que, em certa medida, poderiam representar perigo ao profeta.

Por fim, chama atenção que esses rapazinhos gritam a Eliseu “*leh qereah*”, ou seja, “sobe, calvo!” (DIAS DA SILVA, 2007, p. 381). Para Wiseman (2006, p. 174), Eliseu poderia ter

---

<sup>3</sup> Essa diferença pode ser vista em algumas traduções bíblicas para a Língua Portuguesa também, uma vez que a ARC traduz o termo para “rapazes pequenos”; já a Edição Pastoral os chama de “bando de garotos”; e, por fim, a Nova Bíblia Viva assume que eram “alguns jovens”.



simplesmente alopecia, que é a queda de cabelo precoce, ou seja, a simples calvície, que, para os israelitas, era raro e podia ser considerada uma desgraça (WIERSBE, 2006, p. 499-500).<sup>4</sup> Todavia, Dias da Silva (2007, p. 381) defende que o verbo *qrh*, de onde deriva a palavra *qereah*, significa “rapar a cabeça” ou “cortar careca”, dessa maneira, Eliseu não teria falta de cabelo, mas sim sua cabeça seria raspada. Essa tonsura, como defende John Bimson (2009, p. 556), pode ser algum corte de cabelo característico na escola de profetas,<sup>5</sup> e, dessa maneira, a zombaria não seria diretamente a respeito da pessoa de Eliseu, mas sim de sua consagração ao ministério profético, sendo uma afronta ao próprio Deus, como será explicado adiante. Uma vez que não há evidências externas da careca ser um corte típico dos profetas (WISEMAN, 2006, p. 174), assume-se que o insulto a Eliseu foi com intenção de denegrir não sua imagem, mas sim seu ministério profético, numa possível comparação com Elias.

### 3. A MALDIÇÃO E OS “QUARENTA E DOIS”

No verso 24, chama atenção, primeiramente, o fato de Eliseu ter *amaldiçoado* aqueles que o insultavam. Todavia, isso não é algo estranho à teologia deuteronômica ou à teologia de Levítico, pois esse ato era a retribuição daquele que insultasse um profeta, pois, com esse ato, o infrator estaria “diminuindo” a importância do próprio Deus (Dt 7.10; 18.19; Lv 24.10-16) (WISEMAN, 2006, p. 174). Como visto em 1Rs 13.2-5; 17.1; 21; 21-24; e Am 7.17, Eliseu não foi o primeiro profeta que amaldiçoou quem desafia ou impede sua missão (DIAS DA SILVA, 2007, p. 381-382).

Finalmente, o último ponto a ser analisado nessa pesquisa

4 Para Walton, Matheus e Chavalas (2018, p. 503), considerando ser Elias um homem peludo (2Rs 1.8), a careca de Eliseu poderia sugerir que ele nunca seria como seu mestre, não teria os mesmos poderes e seria uma espécie de descrédito a seu ofício profético, sendo o cumprimento da maldição proferida por ele algo para refutar essas acusações.

5 Dias da Silva (2007, p. 381), defendendo esse ponto de vista, cita o texto de 1Rs 20.35-43, em que um profeta só é reconhecido por Acabe após retirar uma faixa que envolvia sua cabeça, indicando que os profetas possuíam algum sinal distintivo na cabeça, provavelmente a tonsura.



é o número de rapazes que as ursas despedaçaram: *quarenta e dois* (v. 24). Primeiramente, esse número pode ser interpretado como sendo um grupo organizado, uma gangue de jovens que ameaçou Eliseu, não apenas algumas crianças fazendo brincadeiras (WISEMAN, 2006, p. 174). Todavia, como explica Dias da Silva (2007, p. 384), alguns relacionam esse número com os homens mortos por Jeú em 2Rs 10.12-14, estabelecendo ligação entre a maldição de Eliseu sobre os rapazes e sua ordem para um discípulo seu ungir Jeú (2Rs 9.1-3). Outra ideia interessante apresentada por Dias da Silva (p. 384) relaciona o número quarenta e dois com os reis de Israel: no Reino Unido houve três reis; no Reino do Norte houve dezenove; e no Reino do Sul existiram vinte; ao todo foram quarenta e dois reis. Logo, seguindo a última teoria, Eliseu realizou na passagem em destaque uma espécie de “ação simbólica”, na qual os quarenta e dois rapazes que o insultavam representariam a monarquia de Israel e sua atitude de desrespeito para com os profetas do Senhor. Uma análise simbólica para esse texto pode não ser a mais apropriada, pois poderia “forçar” interpretações que não são o objetivo do texto. O mais seguro é crer que esse número indica o grande número de componentes desse grupo que ameaçava Eliseu.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com tudo o que foi apresentado e debatido nessa pesquisa, pode-se chegar a algumas possibilidades de interpretação cristã da passagem: os *rapazinhos* que insultavam Eliseu podem ser 1) um grupo de adolescentes ou 2) uma gangue de jovens que ameaçavam o profeta; a zombaria da *careca de Eliseu* pode ter sido 3) pela ideia de que a calvície seria uma maldição, 4) pela comparação com Elias, ou 5) pela sua consagração ao ministério profético.

Além disso, a constatação do número dos infratores, *quarenta e dois*, pode ter como objetivo 6) demonstrar o perigo que Eliseu sofria diante de um grande grupo de jovens, 7) relacionar a



palavra de maldição do profeta com a de consagração do rei Jeú, ou 8) estabelecer uma relação simbólica com a postura dos reis de Israel diante do ministério profético da época.

Dessa maneira, tendo em vista todas essas ideias, abrem-se várias hipóteses para a interpretação da passagem de 2Rs 2.23-25, todavia, o que se conclui é que ela demonstra muito mais que apenas um surto do profeta, ou uma crueldade por parte do mesmo. De qualquer maneira, vale citar a reflexão de Wiersbe (2006, p. 500), que, com os exemplos de Lv 10, Js 7, 2Sm 6.1-7 e At 5, defende sempre há “julgamentos especiais no começo de um novo período da história bíblica, como se Deus estivesse alertando seu povo para o fato de que um recomeço não significa que as regras antigas mudaram”. Logo, através desse incidente, fica evidenciado que, apesar o ciclo de Elias ter acabado, Deus ainda possuía um representante na terra e Sua autoridade continuava a mesma.

Assim, a mensagem do texto, do ponto de vista cristão, pode ser interpretada como sendo: o mesmo Deus que chamou e sustentou Elias em seu ministério agora estava caminhando e sustentando a Eliseu - o mesmo ministério profético do mestre continuara com seu discípulo; por isso, tanto a figura do profeta quanto sua consagração ao ministério deveriam ser respeitadas, pois Eliseu era um representante de Deus, e seu ministério apontava para Ele.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Promessas**. Versão Revista e Corrigida na grafia simplificada, da tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: King's Cross Publicações, 2010.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2<sup>a</sup> ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.





BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: Edição Pastoral. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional / Edições Paulinas, 1990.

BÍBLIA. Português. **Nova Bíblia Viva**. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

BIMSON, John J. 1 e 2Reis. *In*: CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário bíblico**: Vida Nova. 1ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 509-590.

DIAS DA SILVA, C. M. A careca de Eliseu, os moleques e as ursas. **Revista Perspectiva Teológica**. v. 39, n. 109, p. 379-386. Belo Horizonte: Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, 2007.

FEE, Gordon D; STUART, Douglas. **Como ler a Bíblia livro por livro**: um guia confiável para ler e entender as escrituras sagradas. 1ª ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.

KARNAL, Leandro. **Todos contra todos**: o ódio nosso de cada dia. Rio de Janeiro: LeYa, 2017.

MOTYER, J. Alec. Eliseu. *In*: p. GARDNER, Paul. **Quem é quem na Bíblia Sagrada**. São Paulo: Editora Vida, 2005, p. 172-176.

WALTON, John H.; MATTHEWS, Victor H.; CHAVALAS, Mark W. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**: Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2018.

WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo**: Antigo Testamento: volume II, Históricos. Santo André, SP: Geográfica Editora, 2006.



WISEMAN, Donald J. **1 e 2Reis**: introdução e comentário. 1<sup>a</sup> ed. São Paulo: Vida Nova, 2006. (Série Cultura Bíblica).

